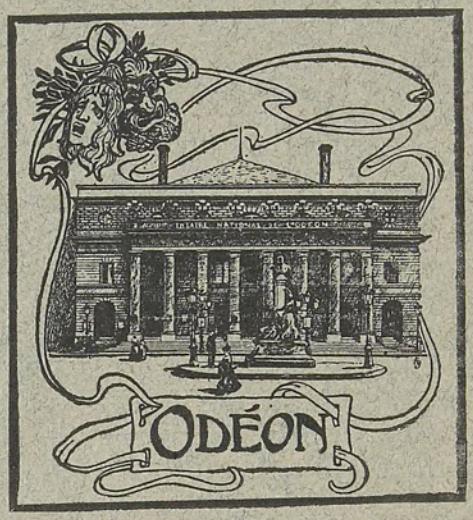
E. FLAMMARION & A. VAILLANT
22, Rue de Vaugirard, 22
et Galeries de l'Odéon
— PARIS —

0 50


THÉATRE NATIONAL DE L'ODÉON
ODÉON

1º Caderno

Versos pª os "Indícios de ouro"

Mario de Sá-Carneiro = Paris 2 julho 1914

BNP

COMPRA

"Epigrafe"

A sala do castelo é deserta e espelhada.

Tenho medo de Mim. Quem sou? Donde elogui?...
Aqui, tudo já foi... Uma sombra estilisada,
A côr morreu — e até o ar é uma ruina...
Vem d'Outro tempo a luz que me ilumina —
Um som opaco me dilue em Rei...

1

- Nossa Senhora de Paris -

Listas de som avançam para mim a fustigar-me
Em luz.
Todo a vibrar, quero fugir... onde acoitar-me?...
Os braços duma cruz
Anseiam-se-me e eu fujo também ao luar...

Um cheiro a maresia
Vem-me refrescar,
Longinqua melodia
Toda saudosa a Mar...
Mirtos e tamarindos
~~[illegible]~~ Odoram a lonjura;
Resvalam sonhos lindos...
Mas o Divo não predura
E a noite cresce agora a desabar catedrais...

Fico sepulto sob cirios,
Escureço-me em delirios
Mas ressurjo d'Ideais...

Os meus sentidos a escoarem-se...
Altares e velas...
Orgulho... Estrelas...
Vitrais! Vitrais!

Flores de Lis...

Manchas de cor a ogivarem-se...
As grandes naves a sagrarem-se...
— Nossa Senhora de Paris!...

Paris 1913 — junho 15

2.

Salomé.

Insónia rôxa. A luz a virgular-se em nodo,
Luz morta de luar, mais Alma do que a lua...
Ela dança, ela range. A carne, alcool de nua,
Alastra-se pra mim num espasmo de segredo...

Tudo é capricho ao seu redór, em sombras fátuas...
O arôma endoidecen, upon-se em côr, quebron...
Tenho frio... Alabastro! A minh'alma paron...
E o seu corpo resvala a projectar estátuas...

Ela chama-me em Iris. Nimbar-se a perder-me,
Golfa-me os seios nus, ecôa-me em quebranto...
Timbres, elmos, punhais... A doida quer morrer-me:

Mordoura-se a chorar — ha sexos no seu pranto...
Ergo-me em som, oscilo, e parto e vou arder-me
Na hôca imperial que humanizou um Santo...

Lisboa 1913 - Novembro 3

3.

— Não —

Longes se aglomeram
Em torno aos meus sentidos,
Nos quais prevejo erguidos
Paços riais de misterios.

Cinjo-me de côr,
E parto a demandar.
Tudo é bivo em meu rastro —
Poeira de amor...

Adivinho alabastro...
Detenho-me em luar...

Lá se ergue o castelo
Amarelo do medo
Que eu tinha previsto:
As portas abertas,
Lacaios parados,
As luzes, desertas —
Janelas incertas,
Torreões sepulcrados...

Vitória! Vitória!
Mistério é riqueza –
E o medo é Mistério!...

Ó Paços reais encantados
Dos meus sentidos dourados,
Minha glória, minha beleza!

(– Se tudo quanto é dourado
Fosse sempre um cemitério?...)

Heráldico de Mim,
Transponho liturgias...

Arrojo-me a entrar
Nos Paços que adquiri,
Quero depôr o Rei
Para lá me coroar.

Ninguem me veda a entrada,
Ascendo a Escadaria –
Tudo é sombra parada,
Silencio, luz fria...

Ruiva, a sala do trono
E cõa rõxa aos meus passos.
Subo os degraus do trõno —
E o trõno cai feito em pedaços...

Deixo a sala imperial,
Corro nas galerias,
Debruço-me ás gelosias —
Nenhuma deito pra jardins...

Os espelhos são cisternas —
Os candelabros
Estão todos quebrados...

Vagueio o Palacio inteiro,
Chego ao fim dos salões...
E emfim, oh céo algueem!
Encontro uma Rainha,
Velha, entrévadinha,
A que vigiam Dragões...

E acordo...
Chóro por mim... Como fui louco...

Afinal
Neste Palácio Rial
Que os meus sentidos ergueram,
Ai, as côres nunca viveram...
Morre só uma rainha,
Entrevada, sequinha,
Embora a guardem dragões...

.....
.....

– A Rainha velha é a minh'Alma – exangue...
– O Paço Rial o meu genio...
– E os dragões são o meu sangue...

(Se a minha alma fosse uma Princesa nova
E debochada e linda...)

Lisboa 1913 – Dezembro 14

BNP

4.

Certa voz na noite, ruivamente...

Esquivo sortilégio o dessa voz, opiada
Em Luas côr de amaranto, às noites de incerteza,
Que eu lembro não sei d'onde — a voz duma Princesa
Bailando meia nua entre clarões de Espada.

Leonina, ela arremessa a carne arroxeada;
E belada de Si, arfante de Beleza,
Acera os seios nus, descobre o sexo... Reza
O espasmo que a estrebucha em Alma copulada...

Entanto nunca a si mesmo em vão. Só'mente
A sua voz a fulgora ao meu lembrar-me. Assim
Não lhe desejo a carne — a carne inexistente...

É'só de voz-em-cio a bailadeira astral —
E nessa voz-Estátua, ah! nessa voz-total,
É'que eu sonho esculpir-me em róseos de marfim...

Lisboa 1914 — Janeiro 31.

5.

7

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.

Lisboa, fevereiro de 1914.

6.

16.

Esta inconstancia de mim proprio em vibração
É' que me ha de transpôr ás zonas intermédias,
E seguirei entre cristais de inquietação,
A retinir, a ondular... Soltas as redeas,
Meus sonhos, leões de fogo e pasmo bornados a tirar
A torre d'ouro que era o carro da minh'Alma,
Transvirão pelo deserto, monstruosos de Luar —
E eu só me lembrarei num balouçar de palma...
Nos oasis depois hão de se ahiamar gumes,
A atmosfera ha de ser outra, noutros planos;
As rãs hão de coaxar-me em roucas tons humanos
Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...

x

Ha sempre um grande Arco ao fundo dos meus olhos...
A cada passo a minha alma é' outra cruz,
E o meu coração gira: é' uma roda de côres...
Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...

Já não é o meu rastro o rastro d'oiro que ainda sigo...
Resvalo em pontes de gelatina e de holores...
— Hoje a luz para mim é sempre meia-luz...

.....
.....

As mesas do Café endoideceram feitas Ar...
Caía-me agora um braço... Olha lá vai êle a valsar,
Vestido de caraca, nos salões do Vice-Rei...

(Sabo por mim acima como por uma escada de corda,
E a minha Rusia é um traperio escangalhado)...

Lisboa, maio de 1914

7.

= Apoteose =

Mastros quebrados, sangro num mar d'ouro
Dormindo fôgo, incerto, longemente...
Tudo se me equalou num sonho rente,
E eu metade de mim hoje só móro...

São tristezas de bronze os que ainda choro —
Pilastras mortas, marmores ao poente...
Lagearam-se-me as horas brancamente
Por claustros falsos onde nunca móro...

Desci de mim. Dobrei o manto d'Asto,
Quebrei a taça de cristal em espanto,
Talhei em sombra o bico do meu rastro...

Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
Luar-auria... Luz-perdão... Orquideas-pranto...

.....

— O'pantanos de Mim — jardim estagnado...

Paris 1914 — junho 28

8.

Distante melodia...

Num sonho d'Iris, morto a ouro e brasa,
Vem-me lembranças doutro Tempo azul
Que me oscilava entre véus de tule —
Um tempo esguio e leve, um tempo — Asa.

Então os meus sentidos eram côres,
Nasciam num jardim as minhas Ansias,
Havia na minh'Alma outras distancias —
distancias que o segui-las era flôres...

Caia ouro se pensava Estrelas,
O luar batia sobre o meu alhear-me...
— Noites-lagôas, como éreis belas
Sob terraços-liz de recordar-Me!...

Idade acorde d'Inter-sonho e Lua,
Onde as horas corriam sempre jade,
Onde a neblina era uma saudade,
E a luz — deboches de Princeza nua...

Balaústras de som, arcos de Amar,
Pontes de brilho, ogivas de perfume...
Domínio inexprimível d'Ópio e lume
Que nunca mais, em côr, beide habitas...

Tapetes d'outras Persias mais Oriente,
Cortinados de Chinas mais marfim,
Aureos Templos de ritos de setim,
Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panthéons de Nostalgias,
Catedrais de Ser-Eu por sobre o mar...
Escadas de honra, escadas só, ao ar...
Novas Byzancios-Alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... cinza de brocado...
Irrealidade anil que em mim ondeia...
— Ao meu redór eu sou Rei exilado,
Vagabundo dum sonho de sereia...

Paris 1914 — junho 30.

- Sugestão -

As companheiras que não tive,
Vinto-as chorar por mim, veladas,
Ao pôr do sol, pelos jardins...
era sua magua azul reviver
A minha dôr de mãos finadas
Sobre setins...

Paris - Agosto de 1914.

10.

– Tatiturno –

Ha oiro marchetado em mim, a pedras raras,
Oiro sinistro em sons de bronzes medievais –
Joia profunda a minha alma a luzes caras,
Cibório triangular de ritos infernais.

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.
Toda uma estirpe rial de heróis d'Outras bravuras
Em Mim se despojou dos seus brazões e presas.

Heraldicas-luar sobre impetos de rubiro,
Humilhações a liz, desforços de brocado;
Basilicas de tedio, arnezes de crispado,
Insignias de Ilusão, troféus de jaspe e butuliro...

A ponte levadiça e baça de Eu-ter-sido
Enferrujou – embalde a tentarão descer...
Sobre fossos de Vago, ameias de inda-querer –
Manhãs de armas ainda em arraiais de olvido..

BNP

Percorro-me em salões sem saídas nem portas,
Longas salas de trono a espessas densidades,
Onde os pânos de Arrás são esgarçadas saudades,
E os divans, em redor, ansias lassas, absortas...

Ha róxos fins d'Império em meu renunciar —
Caprichos de setim do meu desdem Astral...
Ha elégias de heróis na minha dôr feudal —
E os meus remorsos são terraços sobre o Mar...

Paris — Agosto de 1914.

11.

- O Resgate -

A ultima ilusão foi partir os espelhos -
E nas salas ducais, os frisos de esculturas
Desfizeram-se em pó... Todos as bordaduras
Caíram de repente aos reposteiros velhos.

Atónito, parei na grande escadaria
Olhando as destroçadas, imperiais riquezas...
Dos lustres de cristal - as velas d'ouro, acesas,
Quebravam-se também sobre a tapeçaria...

Rasgavam-se setins, abatiam-se escudos;
Estalavam de côr os grifos dos ornatos.
Pelas molduras d'honra, os tenebrosos retratos
Sumiam-se de medo, a roçagar veludos...

Doido! Trazer ali os meus desdens crispados!...
Tectos e frescos, pouco a pouco, enegreciam;
Panos de Arrás do que não-Fui enrubesciam-
Velavam-se brazões, subitamente errados...

Então, eu mesmo fui trancar todas as portas!
Fechei-me a Bronze eterno em meus salões ruidos...
— Se arranho o meu despeito entre vidros partidos,
Estilisei em Mim as douraduras mortas!

Camarate — Quinta da Vitoria
outubro 1914.

- Vislumbre -

A horas plébeis, outonais -
Por magoados fins de dia -
A minha Alma é agua fria
Em anforas d'ouro... entre cristais...

Camarate - Quinta da Victória
outubro 1914.

— Bárbaro. —

Enroscam-se-lhe ao tronco as serpentes douradas
Que, Cesar, mandei vir dos meus viveiros d'Africa.
Mima a luxuria a nua — Salomé asiática...
Em roda, carne a arder — virgens supliciadas...

Mitrado d'oiro e cua, em meu trono de esfinges —
Dentes rangendo, olhar d'insónia e maldição —
Os teus coleios vis, nas infamias que finges,
Alastram-se-me em febre e em garras de leão.

Sibilam os reptis... Rojas-te de joelhos...
Sangue te escorre já da bôca profanada...
Como bailas o vicio, o'torpe, o'debochada —
Densos sabbats de cio teus frenesis vermelhos...

Mas ergues-te num espasmo — e ás serpentes domas
Dando-lhes a trincar teu sexo nu, aberto...
As tranças desprendeste... O teu cabelo, incerto,
Inflama agora um halo a crispações e aromas...

Em balde mando arder as mirras consagradas:
O ar apodreceu da tua perversão...
Tenho medo de ti num calafrio de espadas —
A minha carne tôa a bronzes de prisão...

Arqueia-me o delírio — e sufoco, esbracejo...
A luz enrigeceu zebrada em planos d'aço...
A sangue, se virgula e se desdobra o espaço...
Tudo é loucura já quanto em redór alvejo!...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que corta,
Caio sobre a maldita... apunha-lo-a em estertor...

.....

.....

— Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,
ou a minh'Alma só, que me explodiu de côr...

Camarate - Quinta da Vitória.
Outubro 1914.

- Angulo -

Aonde irei neste sem-fim perdido,
Neste mar ôco de certezas mortas?—
Fingidas, afinal, todas as portas
Que no dique julguei ter construído...

— Barcassas dos meus ímpetos ligrados,
Que oceano vos dormiram de segrêdo?
Partiste-vos, transportes encantados,
De embate, em alma ao rôxo, a que rochedo?...

— É'nau de festa, ó nuiva de aventura
Onde, em Champanhe, a minha ansia ia,
Quebraste-vos tambem ou, porventura,
Fundeaste a êrro em portos d'alquimia?...

.....
.....

Chegaram á baia os galeões
Onde as sete Princesas que morreram.

Regatas de luar não se correram...
As bandeiras velaram-se p orações...

Detive-me na ponte, debruçado,
Mas a ponte era falsa — e derradeira.
Segui no cais. E cais era abaulado,
Cais fingido sem mar á sua beira...

— Por sobre o que Eu não tenho grandes pontes
Que um outro, só metade, quer passar
Em miragens de falsos horizontes —
Um outro que eu não posso acorrentar...

Barcelona — Setembro 1914.

BNP

15.

- Anto. -

Caprichos de Lilaz, febres esguias,
Enlevos de Ópio — Íris-abandono...
Saudades de luar, timbre de Outono,
Cristal de essencias langues, fugidias...

O págem débil das ternuras de selim,
O friorento dos caricias magoadas;
O príncipe das Ilhas transtornadas —
Senhor feudal das Flôres de marfim...

Lisboa 1915 — fevereiro 14.

16.

- A Inegualavel. -

Ai, como eu te queria toda de violetas
E flébil de setim...
Teus dedos, longos de marfim,
Que os sombreassem joias pretas...

E tão febril e delicada
Que não podesses dar um passo —
Sonhando estrelas, transtornada,
Com estampas de côr no regaço...

Queria-te nua e friorenta,
Aconchegando-te em zibelinas —
Sonolenta,
Ruiva de éteres e morfinas...

Ah! que as tuas nostalgias fossem guisos de prata —
Teus frenesis, lantejoulas;
E os ócios em que estiolas,
Luar que se desbarata...

.....

.....

Teus beijos, queria-os de tule,
Transparecendo carmim —
Os teus espasmos de sêda...

— Água fria e clara numa noite azul,
Água, devia ser o teu amor por mim...

Lisboa 1915 — fevereiro 16.

17.

– Elegia. –

Minha presença de setim,
Toda bordada a côr-de-rosa,
Que punha sempre um adeus em mim
Por uma tarde silenciosa...

Os dedos longos que toquei,
Mas se os toquei, desapareceram...
Os minhas bôcas que esperei
E nunca mais se me estenderam...

Meus Boulevards de Europa e beijos
Onde fui só um espectador...
– Que sôno lasso, o meu amor,
Que poeira de ouro, os meus desejos...

Ha mãos pendidas de amuradas
No meu anseio a vaguear...
Em mim findou todo o luar
Da lua dum conto de fadas.

Eu fui alguem que se enganou
E achou mais belo ter errado.
– Mantenho o trôno mascarado
Aonde me sagrei Pierrot.

Minhas tristezas de cristal,
Meus déheis arrependimentos,
São hoje os velhos paramentos
Duma pesada catedral.

Pobres enleios de carmim
Que reservara pra algum dia!
A sombra loira fugidia
Jamais se abeirará de mim...

O' minhas cartas nunca escritas –
E os meus retratos que rasguei...
As orações que não rezei,
Madeixas falsas, flôres e fitas...

O «petit-bleu» que não chegou...
As horas vagas do jardim...
O anel de beijos e marfim
Que os seus dedos nunca anelou...

Convalescença afectuosa
Num hospital branco de paz...
A dôr magoada e duvidosa
Dum outro tempo mais atraz...

Um braço que nos acalenta...
Livros de côr á cabeceira...
Minha ternura fiorenta —
Ter amas pela vida inteira...

O' grande hotel universal
Dos meus frenéticos enganos
Com aquecimento central,
Escroques, cocottes, trigamos...

O' meus cafés de grande-vida
Com Dançarinas multicolores...
— Ai, não são mais as minhas dôres
Que a sua dança interrompida...

Lisboa — Março de 1915

– Escala –

Oh! regressar a mim profundamente
E ser o que já fui no meu delírio...
– Vá, que se abra de novo o grande lírio,
Tambem miósotis em cristal e Oriente!

Cinja-me de novo a grande esperança,
E de novo me timbre a grande Lua!
Cia! que empunhe como outróra a lança
E a espada de Astros – ilusória e nua!

Rompa a fanfarra atrás do funeral!
Que se abra o pôço de marfim e jade!
– Vamos! é tempo de partir a Grade!
Corra o palácio inteiro o vendaval!

Nem portas nem janelas, como dantes:
A chuva, o vento, o sol – e eu, A Estátua!
Que me timbre de novo a aureola fátua –
Tirano medieval d'Oiros distantes.

É o Príncipe ponambulo do Sul,
O Doge de Veneras escondidas,
O chaveiro das Tôrres prometidas,
O mitico Rajá de Indias de tule —

Me erga imperial, em pasmo e arrogancia,
Foldado de luar — pantil de arfejos:
Imaginário de carmim e beijos,
Pierrot de fôgo a cabriolar Distancia.

Num entardecer a esfinges d'Ouro e magôa
Que se prolongue o Cais de me scismar —
Que ressurja o terraço à beira-mar
De me iludir em Rei de Pérsias d'agua.

E' tempo ainda de realçar-me a espelhos,
Travar misterios, infenir Destaque.
Vamos! por terra os reporteiros velhos —
Novos brocados para o novo ataque!

Torne-se a abrir o Harem em festival,
(Harem de gaze — e as odaliscas, sêda)...
Que se embandeire em mim o Arraial
Haja bailes de Mim pela alameda!!...

Rufem tambores, colem-se os cartazes —
Gire a tambola, o carrousel comece!
Vou de novo lançar-me na kermesse:
— Saltimbanco, que a feira toda arrazes!

Eh-lá! mistura os sons com os perfumes,
Disparata de côr, guincha de luz!
Amontôa no palco os corpos nus,
Tudo alvoróça em malabares de lumes!

Recama-te de Anil e destempero,
Tem coragem — em mira o grande salto!
As-cende! Tomba! Que te importa? Falto
Eu, acaso?... — Animo! Lá te espero.

Que nada mais te importe. Ah! segue em frente
O' meu Rei-lua o teu destino dubio:
E sê o timbre, se o vivo, o efluvio,
O arco, a zona — o Sinal de Oriente!

Paris — julho de 1915

19. = Sete Canções de Declínio . =

1.

Um vago tom de opala debelow
Prolixo funerais de luto d'Astro _
E pelo espaço, a Oiro se enfolow
O estandarte rial _ livre, sem mastro.

Fantastica bandeira sem suporte,
Incerta, nevrenta, recamada _
A desdobrar-se como a minha Sorte
Traída por ciganos numa estrada ...

2.

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.
_ Desçamos pânos de fundo
A cada hora vivida.

Desfiles, danças _ embora
Mas sejam uma ilusão.
_ Scenarios de mutação!
Pela minha vida fóra!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasmo.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah! que seja o meu Oriente!

O grande Dordo, o varrido,
O perdulário do Instante —
O amante sem amante,
Ora amado ora traído...

Lançar as barcas ao Mar —
De noroa, em rumo de incerto...
— Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

... E as minhas unhas polidas —
Ideia de olhos pintados...
Meus sentidos maquilados
A tintas desconhecidas...

Mistério duma incerteza
Que nunca se ha de fixar...
Sonhador em frente ao mar
Duma olvidada riqueza...

– «Num programa de teatro
Sucede-se a minha vida:
Escada de fino desenho
Aos pinotes, quatro a quatro!...

3.

– Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras:
Só as Côres são verdadeiras –
Siga sempre o festival!

Kermesse – eia! – e ruído!
Louça quebrada! Tropel!
(Defronte do carrousel,
Eu, em ternura esquecido...).

Fitas de côr, vozearia –
Os automóveis reflectos:
Seus chauffeurs – os meus afectos
Com librés de fantasia!

Ser bom... gostaria tanto
De o ser... Mas como? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria esse encanto.

— Afectos?... Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões!

Fiz deles os meus criados,
Com muita pena — decerto.
Mas quero o salão aberto,
E os meus braços repousados.

4.

As grandes Horas! — vivê-las,
A preço mesmo dum crime!
Só a beleza redime —
Sacrifícios são novelas.

"Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto"...
— Mas não ha maior desgosto
Nem ha maior vilania!

E quem fôr Grande não venha
Dizer-me que passa fome:
Nada ha que se não dome
Quando a Estrela fôr tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes, partam — dominem
Sua sorte em suas mãos:
— Soldados, inuteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Nada nos pode deter:
O nosso [redacted] é d'Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro,
Se pra nós Diro ha de ser!...

Vaga lenda facetada
A imprevisto e miragens —
Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil cores,
Um domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos faleceram —
Porta de cristal aberta
Sôbre sonhos que esqueceram...

Um lago á luz do luar
Com um barquinho de corda...
Saudade que não recorda —
Bola de tennis no ar...

Um leque que se rasgou —
Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
D'Aquela que não voltou...

Praia de banhos do sul
Com meninos a brincar
Descalços, à beira-mar,
Em tardes de céu azul...

Viagem circulatória
Num expresso de wagons-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisória...

Palace cosmopolita
De rastaquouères e cocótes —
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita...

Confusão de music-hall,
Aplausos e brou-ú-há —
Interminavel sofá
Dum estofo profundo e mole...

Pinturas a «ripolin»,
Anuncios pelos telhados —
E barulho dos teclados
Das Linotyps' do «Matin» ...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo de fundo
Que acende uma revolução ...

Um sobrescrito lacrado
Que transitou no correio,
E nos chega sujo — cheio
De carimbos, lado a lado ...

Nobre ponte citadina
De intranquila capital —
A humidade outonal
D'uma manhã de nevoeina ...

Uma bebida gelada —
Presentes todos os dias ...
Champanhe em taças esguias
Ou água do sul entornada ...

Uma gaveta secreta
Com segredos de adultérios...
Porta falsa de mistérios —
Toda uma estante repleta!

Seja enfim a minha vida
Parada de ócios e Lua:
Vida de Café e rua,
Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de enlevo tão grande
Que outra nem sonho ou prevejo...
— A eterna mágoa dum beijo,
Essa mesma, ela me expande...

6.

Um frenesi chialino arripiou
Pra sempre a minha carne e a minha vida.
Fui um barco de vela que parou
Em súbita baía adormecida...

Baía embandeirada de miragem,
Dormente de ópio, de cristal e anil,
Na ideia dum país de gaze e Abril,
Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fôsse encanto,
Ou preguiça, ou delírio, ou esquecimento,
Não mais aperelhou... — ou fôsse o vento
Propício que faltasse: ágil e santo...

...Frente ao porto esboçara-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cupulas de sombra côr de rosa,
As tôrres de platina e de saudade.

Avenidas de sêda deslisando,
Praças d'honra libertas sôbre o mar —
Jardins onde as flôres fossem luar;
Lagos — carícias de ambar flutuando...

Os palacios a rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as Catedrais —
Sôbre a cidade, à luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a delirar - lá em volta,
A isolá-la em lenda marchetada:
Uma Vénera de capricho - solta,
Instável, dúbia, pressentida, alada...

Exílio branco - a sua atmosfera,
Murmúrios de aplausos - ela brou-u-há...
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu - a estátua «que nunca tombará»...

7.

Meu alvoroço d'oiro e lua
Tinha por fim que transbordar...
- Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!

Paris - julho e agosto 1915.

BNP

20.

— Abrigo. —

Paris da minha ternura
onde estava a minha Obra —
Minha Lua e minha Cobra,
Timbre da minha aventura.

Ó meu Paris, meu menino,
Meu inefável brinquedo...
— Paris do lindo segrêdo
Aurente no meu destino.

Regaço de namorada,
Meu enleio apetecido —
Meu vinho d'Oiro bebido
Por taça logo quebrada...

Minha febre e minha calma —
Ponte sôbre o meu revez:
Consolo da nudez
Sempre noiva da minh'Alma...

Ó fita benta de côr,
Compressa das minhas feridas...
— Ó minhas unhas polidas,
— Meu cristal de toucador...

Meu eterno dia de anos,
Minha festa de veludo...
Paris: derradeiro escudo,
Silêncio dos meus enganos.

Milagroso carrousel
Em feira de fantasia —
Meu orgão de Barbaria,
Meu teatro de papel...

Minha cidade-figura,
Minha cidade com rosto...
— Ai, meu acerado gosto,
Minha fruta mal madura...

Mancenilha e bem-me-quer,
Paris — meu lobo e amigo...
— Quisera dormir contigo,
Ser todo a tua mulher!...

Paris - Setembro 1915

— Cinco Horas —

Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto... A garrida
Toda de pedra lavrada
Que linda e que fresca é!

Um lírio verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.

(Eu bani sempre os licores
Que acho pouco ornamentais:
Os xaropes têem cores
Mais vivas e mais brutais).

Sôbre ela posso escrever
Os meus versos prateados,
Com estrambote dos criados
Que me olham sem perceber...

Sôbre ela descanso os braços
Numa atitude alheada,
Buscando pelo ar os traços
Da minha vida passada.

Ou acendendo cigarros,
— Pois há um ano que fumo —
Imaginário presumo
Os meus sonhos bizarros.

(E se acaso em minha fronte
Uma ideia mulher brilha,
O fumo da cigarrilha
Vai beijá-la, claramente...).

Um novo freguez que entra
É' novo actôr no tablado,
Que o meu olhar fatigado
Nêle outro sonho concentra.

E o carmim daquela bôca
Que ao fundo descubro, triste,
Na minha ideia persiste
E nunca mais se desloca.

Cinge tais futilidades
A minha recordação,
E destes vislumbres são
As minhas maiores saudades...

(Que história d'biro tão bela
Na minha vida abortou:
Eu fui heroi de novela
Que autor nenhum empregou...).

Nos Cafés espero a vida
Que nunca vem ter comigo:
— Não me faz nenhum castigo,
Que o tempo passa em corrida.

Passar tempo é o meu fito,
Ideal que só me resta:
Pra mim não ha melhor festa,
Nem mais nada acho bonito.

— Cafés da minha perguiça,
Sois hoje — que galardão! —
Todo o meu campo de acção
E toda a minha cubiça.

Paris — Setembro 1915.

22.

- Serradura -

A minha vida sentou-se
E não ha quem a levante,
Que desde o Poente ao Levante
A minha vida sentou-se.

E ei-la, a môna, lá está,
Estendida, a perna traçada,
Ao infindável sofá
Da minha Alma estofada.

Foi o'assim: a minh'Alma
Outróra a sonhar de Russias,
Espapassou-se de calma,
E hoje sonha só' pelicias.

Vais aos Cafés, pede um bock,
Lê o "Matin" de castigo,
E não ha nenhum remoque
Que a regresse ao Dito antigo!

Dentro de mim é um fardo
Que não pesa, mas que maça:
O zumbido dum moscardo,
Ou comichão que não passa.

Folhetim da "Capital",
Pelo nosso Julio Dantas –
Ou qualquer coisa entre tantas
Duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
Coisa que nunca faria,
E fuma o seu cigarrinho
Em plena burocracia!...

Qualquer dia, pela certa,
Quando eu mal me precate,
É capaz dum disparate,
Se encontra uma porta aberta...

Isto assim não pode ser...
Mas como achar um remedio?
– Pra acabar este intermedio
Lembrei-me de endoidecer:

O que era facil — partindo
Os móveis do meu hotel,
Ou para a rua saindo
De barrête de papel

A gritar «abaixo á Allemanha»...
Mas a minha Allma, em verdade,
Não merece tal façanha,
Tal prova de lealdade.

Vou deixa-la — decidido —
No lavabo dum Café,
Como um anel esquecido.
É' um fim mais raffiné.

Paris - Setembro 1915.

23.

— O Lord —

Lord que eu fui de Escócias doutra vida
Hoje arrasta por esta a sua decadencia,
Sem brilho e equipagens.
Milord reduzido a viver de imagens,
Pára ás montras de joias de opulencia
Num desejo brumoso — em dúvida iludida...
(— Por isso a minha raiva mal contida,
— Por isso a minha eterna ~~[illegible]~~ impaciencias.)

Olha as Praças, rodeia-as...
Quem sabe se êle outróra
Teve Praças, como esta, a palacios e colunas —
Longas terras, quintas cheias,
Hiates pelo mar fóra,
Montanhas e lagos, florestas e dunas...

(— Por isso a sensação em mim fincada batanto
Dum grande património algures haver perdido;
Por isso o meu desejo astral de luxo desmedido! —
E a Côr na minha Obra o que restou do encanto...).

Paris - Setembro 1915.

24.

— O Recreio —

Na minh' Alma ha um balouço
Que está sempre a balouçar —
Balouço á beira dum poço,
Bem difícil de montar ...

— É um menino de bibe
Sôbre êle sempre a brincar ...

Se a corda se parte um dia,
(E já vai estando esgarçada),
Era uma vez a folia:
Morre a criança afogada ...

— Cá por mim não mudo a corda
Seria grande estopada ...

Se o inder morre, deixa-o ...
Mais vale morrer de bibe
Que de cataca ... Deixa-o
Balouçar-se emquanto vive ...

— Mudar a corda era fácil ...
Tal ideia nunca tive ...

Paris - outubro 1915.

- Torniquete -

A tarantela anda depressa,
Nem sei quando irá parar -
Aonde, pouco me importa;
O importante é que pare...
- A minha vida não cessa
De ser sempre a mesma porta
Eternamente a abanar...

Abriu-se agora o salão
Onde ha gente a conversar.
Entrei sem hesitação -
Sòmente o que se vai dar?
A meio da reunião,
Pela certa disparato,
Volvo a mim a todo o pano:
Ás cambalhotas desato,
E salto sôbre o piano...
- Vai ser bonita a função!
Esfrangalho os partituras,
Quebro toda a caqueirada,
Arrebento a gargalhada,
E fujo pela vidraça...

Meses depois, as gazetas
Darão críticas completas,
Indecentes e patetas,
Da minha última obra...
E eu — prá cama outra vez,
Cortindo febre e revez,
Tocado de Estrela e Obra...

Paris — novembro 1915.

= Pied-de-nez =

Lá anda a minha Dor ás cambalhotas
No salão de vermelho atapetado —
Meu setim de ternura engordurado,
Rendas da minha ansia todas nódas...

O Erro sempre a rir-me em destrambelho —
Falso mistério, mas que não se abrange...
De antigo armario que a agoirento range
Minh'alma actual o esverdinhado espelho!...

Chóra em mim um palhaço ás piruetas;
O meu castelo em Espanha, ei-lo vendido —
E, entretanto, foram de violetas,

Deram-me beijos sem os ter pedido...
Mas como sempre, ao fim — bandeiras pretas,
Tambolas faesas, carrousel partido...

Paris — novembro 1915.

27

- O Pagem -

Sózinho de brancura, eu vago — Asa
De rendas que entre cardos só flutua...
— Triste de Mim, que vim de Alma prá rua,
E nunca a poderei deixar em casa...

Paris — Novembro 1915.

28

- Campainhada -

As duas ou três veres que me abriram
A porta do salão onde está gente,
Eu entrei, triste de mim, contente —
E á entrada sempre me sorriram...

Paris - Outubro 1915.

— Ápice —

O raio de sol da tarde
Que uma janela perdida
Reflectiu
Num instante indiferente —
Ardeu,
Numa lembrança esvaída,
Á minha memória de hoje
Subitamente...

Seu efémero arrepio
Zig-zagueou, ondulou, fugiu,
Pela minha retentiva...
— E não poder adivinhar
Porque mistério se me evoca
Esta idéia fugitiva,
Tão débil que mal me toca!...

— Ah, não sei porquê, mas certamente
Aquêle raio cadente
Alguma coisa foi na minha sorte
Que a sua projecção atravessou...

Tanto pegrêdo no destino duma vida...

É' como a ideia de morte,
Preconcebida,
Que sempre me acompanhou...

Paris - Agosto 1915.

- Desquite -

Dizem-me o Rio e o Luar,
Rasguem as minhas togas de astros —
Quebrem os onix e alabastros
Do meu não me querer igualar.

Que faço eu na grande Praça
Que o meu orgulho rodeou —
Estátua, ascenção do que não sou,
Perfil prolixo de que ameaça?!...

... E o sol ... ah, o sol do ocaso,
Perturbação de fôsco e Império —
A solidão dum cemitério
Na impaciencia dum atraso ...

O cavaleiro que partiu,
E não voltou nem deu notícias —
Tão belas foram as premícias,
Depois só — luto o anel cingiu!...

A grande festa anunciada
A galas e elmos principescos,
Apenas foi executada
A guinchos e esgares scimiescos...

Ansia de Rosa e braços nus,
Findou de enleios ou de enjôos...
– Que desbaratos os meus vôos;
Ai, que espantalho a minha cruz...

Paris – julho 1915.

31. - Caranguejola -

— Ah, que me metam entre cobertores,
E não me façam mais nada...
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,
Que não se abra mesmo para Ti se Tu lá fores.

Lã vermelha, leito fôfo. Tudo bem calafetado...
Nenhum livro, nenhum livro á cabeceira —
Façam apenas com que eu tenha sempre a meu lado,
Bôlos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais — não quero mesmo brinquedos.
Porquê? Até se mos dêssem não saberia brincar...
— Que querem fazer de mim com estes enleios e medos?
Não fui feito pra festas. Larguem-me! Deixem-me sossegar...

Noite sempre pelo meu quarto. As cortinas corridas,
E eu aninhado a dormir, bem quentinho — que amor...
Sim: ficar sempre na cama, nunca mexer, criar bolor —
Pelo menos era o sossêgo completo... Historia! era a melhor das vidas...

Se me doem os pés e não sei andar direito,
Pra que hei de ter mais em ir para as salas de Lord?
— Vamos, que a minha vida por uma vez se acorde
Com o meu corpo — e se resigne a não ter geito...

De que me vale sair, se me constipo logo?
E quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...
Deixa-te de ilusões, Mário. Bom é dredon, bom fogo —
E não penses no resto. É já bastante, em franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ansia me levará,
Pra que hei de então andar aos tombos, numa inútil correria?
Tenham dó de mim. Co'a breca! levem-me prá enfermaria —
Isto é: pra um quarto particular que o meu Pai pagará.

Justo. Um quarto de hospital — higiénico, todo branco, moderno e tranquilo;
Em Paris, é preferível — por causa da legenda...
Daqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda —
E depois estar maluquinho em Paris, fica bem, tem certo estilo...

— Quanto a ti, meu amor, podes vir às quintas-feiras,
Se quiseres ser gentil, perguntar como eu estou.
Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com as melhores maneiras:
Criada a fazer, minha rica. O menino dormiu. Tudo o mais acabou.

Paris — Novembro 1915

32. — Último soneto —

Que rosas fugitivas foste ali:
Requeriam-te os tapetes — e nesse...
— Se me doi hoje o bem que me fizeste,
É justo, porque muito te devi.

Em que idade afagos me esqueci
Quando entraste, nas tardes que apareces —
Como fui de percal quando me déste
Tua bôca a beijar, que remordi...

Pensei que fôsse o mau o teu cansaço —
Que seria entre nós um longo abraço
O tédio que, tão esbelta, te curvava...

E fugiste... Que importa? Se deixaste
A lembrança violeta que animaste,
Onde a minha saudade a pôr se trava?...

Paris — Dezembro 1915

Indicios de tiro

(1º Caderno)

(1913-1915)

Sumário.

Mário de Sá-Carneiro

BNP

- Sumario -

1 — Nossa Senhora de Paris.
2 — Saloumé.
3 — Não.
4 — Certa vez na noite, privamente...
5 — 7.
6 — 15.
7 — Apoteose.
8 — Distante melodia.
9 — Sugestão.
10 — Taciturno.
11 — O Resgate.
12 — Vislumbre.
13 — Bárbaro.
14 — Angulo.
15 — Anto.
16 — A Inegualavel.
17 — Elegia.
18 — [redacted] Escala.
19 — Sete Canções de Declinio.
20 — Abrigo.

21 Cinco Horas.
22 Serradura.
23 O Lord.
24 O Recreio.
25 Torniquete.
26 Pé-de-noz.
27 O Pagem.
28 Campainhada.
29 Ápice.
30 Desquite
31 Caranguejola.
32 Ultimo Tonto.

(Paris, 30 dezembro 1915).